



REDES SOCIAIS: ESTUDO EXPLORATÓRIO DA PRODUÇÃO BRASILEIRA

*Amanda Karine Bonkovoski¹; Sônia Cristina Soares Dias Vermelho²; Ana Paula Machado
Velho³*

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados de pesquisa realizada no ano de 2011 sobre o tema Redes Sociais Digitais que visa fazer um panorama do Estado da Arte sobre a produção brasileira com enfoque no tema Redes Sociais, abarcando o período de 2000 a 2011. Os dados coletados são de artigos disponibilizados em base de dados digitais e teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação brasileiros e que estão disponibilizadas na base de dados do IBICT. O resultado mostra que em 2004 começou as discussões efetivas sobre as questões do espaço virtual, aspectos teóricos, começa a se falar de redes sociais e análise das redes, mas em 2005 houve um aumento significativo sobre o tema rede social. Concluímos, ainda, que a produção necessita de investimentos de pesquisa interdisciplinar que possam subsidiar estratégias inovadoras para a comunicação e educação sustentadas por sistemas em rede.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação e Educação; Escola Promotora da Saúde; Mídia Educação; Pesquisa Bibliográfica; Promoção da Saúde.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo traz os resultados da primeira etapa da pesquisa, que está inserida no Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, na Linha de Pesquisa Ambiente Escolar na Promoção da Saúde, para o desenvolvimento de estratégias de promoção da saúde para o público jovem com o uso das redes sociais digitais. Para entender melhor a pesquisa foi necessário conceituar alguns termos como Promoção da Saúde, redes sociais e redes sociais digitais e colocar todos no mesmo contexto.

1.1 PROMOÇÃO DA SAÚDE

A Promoção da Saúde é um processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, sendo assim para atingir um estado de

¹ Acadêmicos do Curso de Sistema de Informação do Centro Universitário de Maringá (CESUMAR), Maringá – Paraná. Programa de Bolsas de Iniciação Científica do Cesumar (PROBIC). amandabonko@hotmail.com

² Orientadora, Professora Doutora do Centro Universitário de Maringá (CESUMAR). cristina.vermelho@gmail.com

³ Co-orientadora, Professora Doutora do Centro Universitário de Maringá (CESUMAR), Maringá – Paraná. anapaula@cesumar.br



completo bem-estar físico, mental e social, os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente. A saúde deve ser vista como um recurso para a vida e não como objetivo de viver. A promoção da saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, na direção de um bem-estar global, a saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais, naturais e pessoais, bem como as capacidades físicas.

Como base nos documentos oriundos das conferências internacionais e regionais da área de Promoção da Saúde (OTTAWA, 1986, ADELAIDE, 1988, SUNDSVALL, 1991, JAKARTA, 1997, MÉXICO, 1999, e outras duas de caráter sub-regional em BOGOTÁ, 1992, e PORT OF SPAIN, 1993), o Brasil lançou, em 2006, o Plano Nacional de Promoção da Saúde, pois se tornou evidente a necessidade de configurar uma política pública capaz de atender aos desafios dos problemas de saúde da população. Com isso, na perspectiva dos documentos internacionais, a Promoção da Saúde visa o fortalecimento de uma política transversal, integrada e intersetorial, que promova o diálogo entre vários setores, não exclusivamente o setor da saúde, e também com a sociedade, compondo redes de compromisso e corresponsabilidade na formulação de propostas e ações para garantir a qualidade de vida da população. Como afirma o documento brasileiro, para isso deve haver uma articulação “(...) sujeito/coletivo, público/privado, estado/sociedade, clínica/política, setor sanitário/outros setores, visando romper com a excessiva fragmentação na abordagem do processo saúde-adoecimento e reduzir a vulnerabilidade, os riscos e os danos que nele se produzem” (BRASIL, 2006, p. 15).

A política de Promoção da Saúde também propõe que cada um desenvolva suas habilidades pessoais, ação essa alicerçada na divulgação de informação e educação para a saúde. Com isso, o que se espera é que aumentem as opções de circulação de informações para que a população possa exercer maior controle sobre sua própria saúde e adotar hábitos de vida mais saudáveis.



1.2 CONCEITUANDO REDES SOCIAIS E REDES SOCIAIS DIGITAIS

Entrar neste universo digital nos levou a uma questão de cunho conceitual, que nos trouxe uma série de problemas operacionais, mas, por outro lado, nos possibilitou realizar um aprofundamento acerca do uso do termo “Redes Sociais”. Aliás, um dos primeiros desafios do grupo foi lidar com o conceito de Redes Sociais. O termo tornou-se palavra na ordem do dia em termos de tecnologia da informação e comunicação. Seu uso transcorreu áreas e destruiu fronteiras sendo apropriado hoje por muitos atores sociais. Uma das apropriações mais intensas deu-se no campo da comunicação, mas não exclusivamente. Rede social, mídia social, mídia, afinal, qual o termo, conceito que melhor expressa o fenômeno em questão? Diante da indefinição, fomos buscar o conceito.

Frente à complexidade e diversidade conceitual e, também, prática em torno do que seja a nova configuração tecnológica da internet e seu impacto nos processos comunicacionais, discutida por inúmeros autores (LEMOS, 2003; HARVEY, 1994; BRANCO E MATSUZAKI, 2009; BENKLER, 2006; THEVENO, 2007; GREYSEN, KIND E CHRETIEN, 2010; KAPLAN e HAENLEIN, 2010; SCHROCK, 2009; KIETZMANN ET AL., 2011; PRETTO E SILVEIRA (2008), o grupo de pesquisa compreendeu que o conceito que melhor expressa o aparato tecnológico e os processos comunicacionais realizados a partir dessa base física está sob a rubrica de “Rede Social Digital”. Aliás, numa pesquisa informal junto aos pesquisadores espalhados pela Europa e Estados Unidos, com os quais o grupo de pesquisa tem relações, vê-se que este é o termo mais corrente. É adotado em nos países da América Latina, Portugal, França e Espanha. Nos Estados Unidos é que mais comumente as redes são chamadas de social media. Porém, encontra-se também na literatura o termo social networks. “Mídia Social” ou *sosiaalinenmedia*, também utilizado na Finlândia.

Desta forma, por Rede Social Digital entendemos como a macroestrutura tecnológica que dá suporte a um conjunto de atores sociais (sujeitos e instituições) conectados por laços sociais (BATISTA, 2012; RAHME, 2010; FREUD, 1976, 1997), os quais são formados, mantidos e reforçados (ou não) por meio de interações sociais (VYGOTSKY, 1989, 1987; BAKHTIN, 1988; LURIA, 1987). As interações são concretizadas, realizadas dentro de uma relação de troca de conteúdos. Estes conteúdos podem ser criados pelas mais diferentes linguagens disponíveis no formato digital: textual,



sonora, audiovisual e imagética. Essas ferramentas potencializam a manutenção e a expansão dos laços sociais, além de ajudar a visualizar as redes de relacionamento das quais cada sujeito faz parte.

2 CONTEMPORANEIDADE E O JOVEM

Um dos eixos estratégico de atuação da Promoção da Saúde é a educação e a comunicação por meio do desenvolvimento de estratégias educativas e comunicacionais que levem a mudança de comportamento para adoção de hábitos de vida mais saudáveis. Essas preocupações estão aliadas ao fato de que as transformações relacionadas à crescente modernização e urbanização, estão associadas a mudanças no estilo de vida e nos hábitos alimentares da população, sendo estas mudanças consideradas como favorecedoras para o desenvolvimento das doenças crônicas não-transmissíveis. Um dos públicos mais vulneráveis são as crianças e adolescentes, sendo que já é possível indicar a obesidade infantil com um crescimento mundial significativo, o que pode trazer sérias repercussões na saúde da população para os próximos anos. A vulnerabilidade deste público pode ser vinculada a vários aspectos: a família que por não cumprir atualmente um papel formativo tão forte em termos alimentares, seja por inobservância, seja pela existência de práticas alimentares entre os adolescentes acontecendo fora dos espaços familiar, tais como os shopping center, lanchonetes etc. deixando poucos espaços de intervenção para os pais. Também a mídia cumpre um papel educativo em termos de falas, comportamentos, valores, estilos com exemplos e situações em que o discurso e os personagens da mídia são os “educadores” de nossos jovens, muito mais que os professores e os pais. Segundo pesquisas realizadas na América Latina, em relação especificamente às instituições família e escola, os audiovisuais, em particular a televisão e internet, causaram um verdadeiro curto-circuito nas estruturas de relação de autoridade, “transformando os modos de circulação da informação no lar”, fazendo com que as estruturas das situações de audiência sejam aquelas em que efetivamente acontecem as relações formativas, onde os conteúdos se estabelecem e se entrecruzam entre os sujeitos (Barbeiro & Rey, 2001)

Com isso, é de extrema relevância que a escola incorpore práticas educativas voltadas à promoção da saúde das crianças e adolescentes. Contudo estas devem estar



sintonizadas com os veículos que estão mobilizando a atenção desse público e, indiscutivelmente, as redes sociais digitais estão cada vez mais sendo utilizadas por eles como ferramenta cotidiana para estabelecimento de relações, buscas de informações, entre tantos outros usos que acabam por surgir.

Entretanto, persiste o desafio de organizar estudos e pesquisas para identificação, análise e avaliação de ações de promoção da saúde que operem nas estratégias mais amplas que foram definidas em Ottawa (BRASIL, 1996) e que estejam mais associadas às diretrizes propostas pelo Ministério da Saúde na Política Nacional de Promoção da Saúde, a saber: integralidade, equidade, responsabilidade sanitária, mobilização e participação social, intersetorialidade, informação, educação e comunicação, e sustentabilidade.

3 METODOLOGIA

A primeira etapa da pesquisa que descrevemos neste artigo é de cunho quantitativo, do tipo bibliográfico, com a utilização da técnica de análise de conteúdo. A natureza do material bibliográfico analisado é de artigos, teses e dissertações.

Para o desenvolvimento, propusemos os seguintes procedimentos: identificar os textos a serem lidos do período de 2000 a 2011 em bases de dados digitais; selecionar os textos pelos títulos, fazer a leitura integral dos artigos, identificar as categorias descritivas e analisar o material pesquisado.

A definição da metodologia para o levantamento dos dados mostrou-se um processo bastante complexo. Após analisar alguns trabalhos com objetivos semelhantes (ROCHA, 1999; MESSINA, 1998; FERREIRA, 2002; ANDRÉ & ROMANOWSKI, 1999 E 2002, VERMELHO & AREU, 2005), estabelecemos que os artigos seriam lidos na íntegra, pois nem sempre artigos de periódicos possuem resumos. Também foi definido na metodologia que todos os textos a serem analisados deveriam estar disponíveis na internet: os artigos em periódicos, as teses e as dissertações. Como a pesquisa está inserida no campo da Promoção da Saúde, incluímos todas as bases de dados da área que tínhamos disponíveis na instituição. Com isso, as bases pesquisadas para a seleção



dos artigos foram: Biblioteca Virtual da Saúde, Lilacs, IBESCS, MedLine, Scielo, CESUMAR, UEM, Portal da CAPES.

Para as buscas, definimos as seguintes Palavras-Chaves: Educação, Comunicação, Tecnologia da Informação, Promoção da Saúde, Redes Sociais e Web 2.0. A escolha dessas palavras-chave deu-se fundamentalmente pela impossibilidade de utilizar somente o termo “Redes Sociais”. A busca pelo termo trouxe um resultado muito distinto daquele que gostaríamos de obter, uma vez que na área da saúde as “redes sociais” compreendem estratégias de atuação dos profissionais em comunidades, sem necessariamente significar qualquer vínculo com o uso de tecnologia. Com isso, optamos por ampliar os termos de busca para tentar identificar artigos que tivessem relação com nosso tema de pesquisa: o uso das redes sociais digitais com o público jovem para ações de educação em saúde ou comunicação em saúde. O resultado das buscas por palavras-chave nas bases de dados digitais foi o seguinte:

TABELA 1: Resultados com os totais de artigos encontrados nas buscas por palavra-chave nas bases de dados digitais

Plataforma	Educação	Comunicação	Tecnologia da Informação	Promoção da Saúde	Redes Sociais	WEB 2.0	TOTAIS
Biblioteca Virtual em Saúde	413.003	172.882	3.430	61.559	1.288	-	652.162
Lilacs	25.938	6.411	461	7.112	422	-	40.344
IBESCS	2.550	795	63	446	69	-	3.923
MedLine	354.153	161.278	2.282	44.847	523	-	563.083
Scielo	10.842	2.737	84	430	76	7	14.176
Cesumar	207	48	14	15	5	10	299
UEM	500	173	43	88	18	22	844
CAPES	17.093	4.482	227	1.118	204	474	23.598
TOTAIS	824.286	348.806	6.604	115.615	2.605	513	1.298.429

A quantidade de artigos selecionados foi enorme e diante da impossibilidade de analisar esse volume, realizamos cruzamento com as palavras-chave por meio do conectivo +, cujo resultado encontra-se na Tabela 2.



TABELA 2: Resultados dos cruzamentos realizados nas buscas por palavra-chave nas bases de dados digitais

N.	TERMOS DE BUSCA	BVS	Lilacs	IBESC	MedLine	Scielo	Cesumar	UEM	CAPES	Total
1	Educação + Comunicação	8363	765	32	7020	489	8	22	784	17483
2	Educação + Tecnologia da Informação	243	63	7	141	3	4	6	23	490
3	Educação + Promoção da Saúde	6921	1359	62	4249	156	5	18	262	13032
4	Educação + Redes Sociais	111	36	4	28	4	0	3	16	202
5	Educação + Web 2.0	0	0	0	0	3	1	1	8	13
6	Comunicação + Tecnologia da Informação	335	83	8	195	13	4	15	52	705
7	Comunicação + Promoção da Saúde	1408	265	5	982	38	0	4	59	2761
8	Comunicação + Redes Sociais	55	17	1	29	5	1	3	22	133
9	Comunicação + Web 2.0	0	0	0	0	1	4	4	5	14
10	Tecnologia da Informação + Promoção da Saúde	28	8	1	11	0	0	0	0	48
11	Tecnologia da Informação + Redes Sociais	8	4	2	1	0	0	0	4	19
12	Tecnologia da Informação + Web 2.0	0	0	0	0	0	4	2	0	6
13	Promoção da Saúde + Redes Sociais	64	40	0	5	1	0	4	2	116
14	Promoção da Saúde + Web 2.0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15	Redes Sociais + We 2.0	0	0	0	0	0	1	0	3	4
	Total	17536	2640	122	12661	713	32	82	1240	35026

Com esse resultado, fizemos uma análise em amostra aleatória dos títulos dos artigos encontrados nos cruzamentos com maior número de indicações (linhas 1, 3 e 7); identificamos, novamente, que não atendiam aos objetivos da pesquisa. Diante da dificuldade encontrada, definimos por recortar a pesquisa em torno dos termos de busca das linhas 4, 8, 11 e 13, mais de acordo com nossos objetivos de pesquisa.

Os 470 artigos foram analisados pelos títulos e palavras-chave e, destes, criamos uma listagem de 101. Estes foram lidos na íntegra e analisados. A última seleção gerou uma lista de 49 artigos. Após essa etapa, o material foi lido e catalogado através de instrumento de pesquisa na forma de Ficha Catalográfica, desenvolvido por Vermelho e Areu (2003), o que nos proporcionou realizar a codificação e categorização do seu conteúdo.

A análise de conteúdo, segundo Gibbs (2009), é um processo analítico fundamental para pesquisas desta natureza, e basicamente consiste em identificar um ou mais passagens do texto que exemplifiquem alguma ideia temática para identificá-la a um conjunto de códigos, os quais, posteriormente, permitem uma referência taquigráfica a uma ideia temática. Os dados de análise de conteúdo foram digitados em planilhas no Excel e, posteriormente, importados para software estatístico Sphinx Lexica V 5.0, o qual foi utilizado para analisar o conjunto da produção, ou seja, para realizar a análise léxica e de conteúdo de forma automatizada segundo a metodologia proposta por Gibbs (2009).

Em relação às teses e dissertações, o levantamento foi feito exclusivamente no site do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), na base de dados



Biblioteca Digital Brasileira e Teses e Dissertações (BDTD), em outubro de 2011. A pesquisa foi no modo Pesquisa Básica, com a palavra-chave “Redes Sociais” e encontrou 4.923 trabalhos. O número excessivo de trabalhos nos obrigou a realizar nova busca acrescentando o adjetivo “Digital”. O resultado foi uma lista de 133 trabalhos, dentre os quais selecionamos 115 após a leitura dos títulos e resumos. Na Tabela 3, encontra-se a distribuição por tipo de trabalho.

TABELA 3: Distribuição do número de trabalho por tipo

Tipo de Trabalho	Freq.	%
Dissertação	86	74,80%
Tese	29	25,20%
TOTAL OBS.	115	100%

Antes de passar aos resultados da pesquisa, vale a pena ressaltar os problemas encontrados ao longo da mesma. Certamente, a maior dificuldade foi localizar os trabalhos que tivessem aderência ao tema. Isso se deu, fundamentalmente, pelo fato de que o cadastramento dos trabalhos nas bases de dados seguem padrões distintos. No caso das teses e dissertações, tentamos realizar buscas em sites das universidades, tais como o da USP, UFRGS, UNICAMP etc. Contudo, a estrutura dos metadados das respectivas bases inviabilizou um tratamento homogêneo às buscas. Em cada uma dessas instituições, existem dados distintos sobre os trabalhos e, mesmo em termos de tecnologia, as permissões para os acessos são distintos e trazem dados diferentes. Isso fez com que optássemos por realizar a coleta de dados somente na base de dados do Governo para garantir uma uniformidade na pesquisa, mesmo sabendo que isso poderia implicar em excluir inúmeros trabalhos sobre o tema armazenados nas bases de dados das instituições. Isso porque sabemos que algumas não enviam com grande rapidez os trabalhos defendidos em seus respectivos programas de pós-graduação. Portanto, devem existir teses e dissertações sobre o tema, defendidas dentro do período pesquisado, mas que, até agora, não estão na base do IBICT.

Quanto aos artigos, a situação foi ainda mais complexa. Os termos de busca definidos para a pesquisa “Redes Sociais Digitais” nem sempre aparecem nos itens de indexação dos mesmos. Estes aspectos apontam um problema recorrente em termos de base de dados digitais. Existe uma recomendação para que se utilizem padrões e normas



para a indexação de objetos digitais para que eles possam atender às necessidades da sociedade atual e garantir sua manutenção e democratização. Esses padrões estão definidos na ISO 15.836/2003 e ISO 15.836/2009 e, no Brasil, por meio do documento da “Carta para a Preservação do Patrimônio Arquivístico Digital”, de 2004 (MALARD, 2004). A falta dessa padronização dificulta enormemente as pesquisas em torno dos materiais disponíveis na rede internet. Com isso, sua recuperação para outros trabalhos e pesquisas pode tornar quase impossível de ser realizada. Diante de aumento exponencial que a rede tem alcançado em termos de repositórios de dados e objetos, a diversidade de indexação destes objetos cria uma dificuldade enorme para o pesquisador que pretende buscar os dados a partir de um conjunto de palavras-chave. Ainda que tenhamos consciência das dificuldades para essa padronização, uma vez que não existe controle sobre o que é publicado na internet.

Para resolver o problema com os dados não disponíveis ou que ainda não foram para as bases de dados, fizemos uma pesquisa dos grupos de pesquisa com “Redes Social” e “Rede Social Digital” para que seja possível ter o conhecimento de que existe várias pesquisas na área. Os dados encontram-se na Tabela 4:

TABELA 4: Quantidade de Grupos por termo

Termo	Quantidade de Grupo de Pesquisa
Redes Sociais	284
Redes Sociais Digitais	23
Total de Grupos	307

Consideramos fundamental registrar esses problemas para que, futuramente, possamos melhorar o contexto para as pesquisas de Estado da Arte da produção científica brasileira.



4 PERFIL DOS ARTIGOS E TRABALHOS PUBLICADOS NA INTERNET

Escolhemos para esse artigo, os dados do instrumento de coleta que definem o perfil da produção bibliográfica sobre “Redes Sociais Digitais”, entre os anos de 2000 a 2011. O instrumento era formado por 21 campos, entre questões abertas e fechadas.

Na Tabela 5, apresentamos os resultados, em termos de distribuição.

TABELA 5: Distribuição do número de Artigos e Teses/Dissertações por ano de publicação

Ano	Artigos		Teses e Dissertações	
	Freq.	%	Freq.	%
2000	1	2,00%	-	-
2001	-	-	1	0,90%
2002	1	2,00%	1	0,90%
2003	1	2,00%	3	2,60%
2004	9	18,40%	5	4,30%
2005	2	4,10%	6	5,20%
2006	4	8,20%	9	7,80%
2007	3	6,10%	13	11,30%
2008	2	4,10%	19	16,50%
2009	7	14,30%	18	15,70%
2010	14	28,60%	16	13,90%
2011	5	10,20%	21	18,30%
TOTAL	49	100%	115	100%

Os dados nos permitem visualizar um aumento gradativo de teses e dissertações sobre o tema a partir da metade dos anos 2000, sendo que os artigos aparecem com aumento maior em 2009, tendo um pico isolado no ano de 2004. É importante lembrar que esse período foi marcado por alguns acontecimentos que acreditamos ter contribuído para ascensão desse tema, tais como: a criação do Orkut; a proliferação da web 2.0, que proporciona a troca de informações entre indivíduos; e a popularização da ADSL. É certo que, em termos de pesquisa na pós-graduação, o ano de 2004 marca um crescimento contínuo de trabalhos sobre o tema. Se a quantidade de artigos não reflete o mesmo crescimento, isso pode ser atribuído, entre outras coisas, à dificuldade de acesso aos mesmos; à dispersão em termos de veículo onde eles foram publicados; por terem sido



publicados em outra língua; ou mesmo, não terem no título, palavras-chave ou resumo o termo “redes sociais” com ou sem o adjetivo “digitais”.

Quanto ao tipo de estudo, ilustrado na Tabela 6 (abaixo) viu-se que, nos artigos, houve a predominância das sistematizações teóricas, enquanto nos textos das teses e dissertações houve uma leve preponderância das pesquisas de campo. Podemos inferir que o fato de aparecer um número maior de trabalhos teóricos nos artigos se dê em função da falta de identificação do método utilizado na pesquisa que originou o texto. Nem todos os periódicos e nem todas as áreas do conhecimento exigem para publicação um tópico descrevendo a metodologia da pesquisa. Isso é um problema da produção bibliográfica brasileira em algumas áreas e que também foi identificado na pesquisa realizada por Vermelho e Areu (2005).

TABELA 6: Distribuição quanto tipo de pesquisa realizado e descrito nos Artigos e Teses/Dissertações

Estrutura da pesquisa	Artigos		Teses e Dissertações	
	Freq.	%	Freq.	%
Pesquisa de campo	8	16,30%	69	60,00%
Sistematização Teórica	41	83,70%	46	40,00%
TOTAL OBS.	49	100%	115	100%

Quanto à área de produção dos textos, o panorama da produção está descrito na Tabela 7. Em ambos os tipos de trabalho, as áreas predominantes foram a Educação e a Comunicação. As duas correspondem a quase metade da produção sobre o tema. Interessante observar que as áreas das ciências humanas e sociais aplicadas tenham se debruçado sobre o tema em relação à área de ciências exatas, a qual é a criadora das ferramentas de suporte das redes sociais digitais.



TABELA 7 - Distribuição do número de Artigos e Teses/Dissertações por área de investigação

Área da Ciência	Artigos		Teses e Dissertações	
	Freq.	%	Freq.	%
Ciências da Comunicação	10	20,40%	29	25,20%
Educação	10	20,40%	30	26,10%
Antropologia	7	14,30%	2	1,70%
Ciência da Informação	7	14,30%	13	11,30%
Ciências da Saúde	6	12,20%	2	1,70%
Ciência Política	3	6,10%		
Ciências da Computação	3	6,10%	15	13,00%
Linguística	2	4,10%	2	1,70%
Sociologia	1	2,00%	0	0%
Administração	0	0%	5	4,30%
Artes Visuais	0	0%	6	5,20%
Ciências Sociais	0	0%	3	2,60%
Design	0	0%	1	0,90%
Engenharias	0	0%	2	1,70%
Geografia	0	0%	1	0,90%
Letras	0	0%	1	0,90%
Psicologia	0	0%	3	2,60%
TOTAL OBS.	49	100%	115	100%

Também procuramos analisar, da produção levantada, qual aspecto estudado das redes sociais. É importante ressaltar que o grupo de pesquisa discutiu longamente sobre a forma como faria a análise do conteúdo propriamente dita dos textos, dos assuntos, temas, sujeitos etc. Como a leitura seria realizada por diversas pessoas, definimos algumas variáveis que nos interessavam particularmente. Por exemplo, interessava ao grupo saber se os textos tratavam da relação do sujeito com a rede social, ou o impacto que a mesma traria, ou os usos das redes e da motivação que as pessoas teriam para utilizá-la. Portanto, para uniformizar a leitura dos integrantes da pesquisa, criamos um campo específico o qual intitulamos “Aspectos analisados da Rede”. Na Tabela 8, apresentamos os resultados desse item.

Vê-se que os interesses que predominaram nos trabalhos analisados dizem respeito ao uso que se faz das redes sociais, o impacto social e/ou psicológico do uso da rede social, bem como da relação do sujeito com a mesma. Isso é coerente se pensarmos que as áreas com mais publicações foram às ciências humanas e sociais aplicadas. Também é importante frisar que as análises em torno do impacto dessa mídia, seja social ou psicológico para o sujeito, também ocupou lugar de destaque entre os artigos. No caso das teses e dissertações, devido à diversidade de áreas (vide Tabela 8), metade delas trataram de outros aspectos além dos que nos interessavam.



TABELA 8: Distribuição do número de Artigos e Teses/Dissertações por aspecto analisado em relação à rede social

Aspecto analisado em torno da Rede Social	Artigos		Teses e Dissertações	
	Freq.	%	Freq.	%
Não se enquadra	-	-	58	50,40%
Impacto social/psicológico do uso/consumo da Rede	22	44,90%	22	19,10%
Motivação para uso/consumo da Rede	6	12,20%	8	7,00%
Relação do sujeito com a Rede	18	36,70%	26	22,60%
Uso da Rede	27	55,10%	25	21,70%
TOTAL OBS.	49		115	

A quantidade de citações é superior à quantidade de observações devido às respostas múltiplas (4 no máximo).

Em relação especificamente às teses e dissertações, apresentamos a distribuição entre as Instituições que desenvolveram as pesquisas. Foram 28 instituições citadas, sendo 12 da região Sudeste, 7 instituições da região Sul, 6 da região Nordeste e 3 da região Centro-Oeste. Já de imediato é possível observar uma predominância das produções localizadas nas regiões sudeste e sul não só em termos de quantidade, mas também em termos de número de textos encontrados (Tabela 9). Em outras pesquisas realizadas com base nacional (VERMELHO & AREU, 2005) o mesmo quadro foi identificado para um período de análise dos anos 1982 a 2002. Naquele momento, as pesquisas foram feitas nas áreas de educação e comunicação e suas variantes teórico-metodológicas (Tecnologia da informação e comunicação na educação, Mídia educação, Educomunicação, Pedagogia da comunicação, da mídia etc.). O quadro se repetiu em relação ao tema de pesquisa redes sociais digitais, mostrando que ainda permanece, na produção teórica brasileira, uma divisão entre as regiões, com forte adensamento naquelas (S e SE), onde também se concentra o maior número de programas de pós-graduação.



TABELA 9: Distribuição das Teses/Dissertações por Instituição de origem

Instituição de origem	Freq.	%
PUCSP	20	17,40%
USP	16	13,90%
UFRGS	15	13,00%
UNICAMP	9	7,80%
UFMG	8	7,00%
UFC	5	4,30%
UFBA	4	3,50%
UFPB	4	3,50%
PUCRS	4	3,50%
UNB	3	2,60%
UDESC	3	2,60%
UNISINOS	3	2,60%

Além das universidades citadas na tabela, aparecem UCB, UFPE, PUCRIO, UFRJ e Mackenzie, com dois trabalhos. Com apenas 1 trabalho aparecem: UFGO, UFAL, U.Católica de Salvador, UFSC, U.Caxias do Sul, UTFPR, UTP, Soc.Educ. Braz Cubas, UERJ, UESC, UNIMESP. Considerando as três instituições com maior número de produções encontradas, a PUCSP apresentou 12 pesquisas sobre o tema na área de Ciências da Comunicação, a USP com 5 trabalhos na área de Ciências da Informação e 6 na área de Ciências da Computação; e, a UFRGS predominou nas áreas de Ciências da Computação com 3 trabalhos e Educação com 5. Ainda que a Educação tenha aparecido como uma das áreas de maior produção, a mesma encontra-se distribuída pelas inúmeras instituições que aparecem na pesquisa.

E, finalmente, em relação aos sujeitos tratados nos textos, o resultado está na Tabela 10. É importante salientar que por sujeito compreendemos a pessoa, instituição, teoria, sistema, ferramenta etc., de quem o do que foram extraídos os dados ou informações para a composição do texto.

Com base nisto, definimos a priori alguns sujeitos que entendemos serem fundamentais para nossos propósitos, quais sejam: Rede Social Digital (discriminando qual delas), Crianças, Jovens, Adolescentes, Educadores, Idosos, Meio Ambiente, Profissionais de outras áreas. Exceto esses que constavam no instrumento, os demais foram anotados em campo específico e tabulados quantitativamente.



TABELA 10: Distribuição quanto aos sujeitos identificados nos artigos e Teses/Dissertações

Sujeito	Artigos		Teses/Dissertações	
	Freq.	%	Freq.	%
Jovens	19	38,80%	17	14,80%
Rede Social	12	24,50%	20	17,40%
Cibercultura	10	20,40%	21	18,30%
Produção Cultural	5	10,20%	1	0,90%
Sistemas de Informação	5	10,20%	16	13,90%
Educadores	4	8,20%	7	6,10%
Políticas Governamentais	3	6,10%	6	5,20%
Instituições	1	2,00%	2	1,70%
Produção Teórica	2	4,10%	4	3,50%
Profissional de Outras Areas	1	2,00%	7	6,10%
Meio Ambiente	1	2,00%	0	0%
Alunos	0	0%	8	7,00%
Internet/Ferramentas de Interação	0	0%	8	7,00%
Sistemas de Comunicação	0	0%	7	6,10%
Educação	0	0%	3	2,60%
Sociedade	0	0%	3	2,60%
Mulheres	0	0%	2	1,70%
Idosos	0	0%	1	0,90%
Empresas	0	0%	1	0,90%
Comunidades Carentes	0	0%	1	0,90%
Gestores Públicos	0	0%	1	0,90%
Agentes de Saúde	0	0%	1	0,90%
TOTAL OBS.	49		115	

Dentre os artigos analisados, os jovens foram sujeitos em 38% deles e 14,8% nas teses e dissertações. O segundo sujeito mais focado são as redes sociais para ambos os tipos de trabalho, com 24,5% dos artigos e 17,4% das teses e dissertações. Entre os sujeitos que constavam no instrumento, somente Rede Social e Jovens apareceram com percentuais significativos, os demais - Adolescentes, Educadores, Idosos, Meio Ambiente, Profissionais de outras áreas - foram pouco tratados na produção analisada. Existe certa coerência em relação à análise dos sujeitos, tendo em vista que as maiores preocupações nas pesquisas foram os usos das redes e a relação do sujeito (predominantemente jovem) com a rede, do ponto de vista das áreas das ciências humanas e sociais aplicadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do escopo deste artigo, é importante ressaltar que a produção brasileira sobre o tema redes sociais digitais ainda é tímida e dispersa. Também ficou claro que há



áreas carentes de reflexões, especialmente, se o objetivo do pesquisador for utilizar as redes sociais para educar e promover a saúde.

As áreas das ciências humanas e sociais aplicadas, as quais já lidam com o objeto “Rede Social”, tratam de analisar as relações entre os sujeitos e destes com seu entorno – tecnológico ou não – permanecem com a predominância das pesquisas, enquanto a área das ciências exatas, criadora dos recursos e ferramentas, tem se voltado para outros interesses, pensamos que mais próximo da criação em si. Mas, cabe, neste sentido, uma análise dessa produção.

Fica, então, o alerta de que há uma séria demanda pelo desenvolvimento de pesquisas que possam subsidiar o aparecimento de processos de comunicação que estejam em sintonia com as novas perspectivas de rede. Para inovar nestes processos de disseminação da informação é fundamental pensar na produção bibliográfica brasileira na área da comunicação, esta que segundo a pesquisa realizada pelos autores deste texto é a área com maior produção bibliográfica. Isso atende, provavelmente, o impacto maior que essa área vem sofrendo, a partir da desconfiguração de seu quadro teórico-conceitual e alteração profunda da prática do profissional. Mas não é só essa área que vem sendo afetada. A Educação, segunda colocada no ranking da pesquisa, carece também de inovações.

Pesquisas sobre o Estado da Arte trazem uma contribuição por permitir que os sujeitos que atuam na produção de conhecimento consigam perceber o movimento ao longo dos anos da produção científica coletiva. Essa “olhada de cima”, ou em outros termos, esse overview sobre essas ações, nos carrega de inspirações para definir novos rumos ou aprofundamentos para onde caminhar com nossas pesquisas e produções.

REFERÊNCIAS

ANDRE, M., Romanowski, J. (2002). **O tema formação de professores nas dissertações e teses (1990-1996)**. In: Formação de Professores no Brasil. Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2002, v.1, p. 17-156.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.



BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Notas sobre a reflexão sociológica da psicanálise.** Disponível em: <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/almanaque/04/textos/A%20reflex%C3%A3o%20social.pdf>. Acesso em: 10.08.2012.

BECKER H., NAAMAN M. e GRAVANO L. **Event Identification in Social Media. Twelfth International Workshop on the Web and Databases (WebDB 2009)**, June 28, 2009, Providence, Rhode Island, USA, 2009.

BENKLER, Y. **The wealth of networks: how social production transforms markets and freedom.** New Haven and London: Yale University Press. 2006.

Bertalanffy, L. (1975). **Teoria Geral dos Sistemas.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes.

BOYD, D. M, & ELLISON, N. B. **Social network sites: definition, history, and scholarship.** Journal of Computer-Mediated Communication, 13 (1), article 11, 2007. Disponível em: <http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>. Acesso: 3 de dez. 2011.

BRANCO, C. F. e MATSUZAKI, L. **Olhares da Rede.** São Paulo: Momento Editorial. 2009. Disponível em: <http://www.culturaderede.com.br>. Acesso: 3 de dez. 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Vigilância em Saúde.** Política Nacional de Promoção Da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

Conarq. (2004) **Carta para a Preservação do Patrimônio Arquivístico Digital.** Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/conarq/>. Acesso em: 23 jul. 2011.

COSTA, R. **Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva.** Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v.9, n.17, p.235-48. Mar/ago, 2005.

DIZARD, W. **A Nova Mídia: a comunicação de massa na era da informação.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FERREIRA, N. (2002). **As pesquisas denominadas “Estado da Arte”.** Educação e Sociedade, ano XXIII, nº 79, ago. 2002.

FREITAS, Vivian. **Redes sociais, mídias sociais e mídias digitais: qual a diferença?** Disponível em: <http://gutomodesto.com.br/redes-sociais-midias-sociais-e-midias-digitais-qual-a-diferenca/>. Acesso em Mar/2012.

FREUD, Sigmund **O mal-estar na civilização.** Rio de Janeiro: Imago, 1997.



FREUD, Sigmund. **Psicologia de grupo e a análise do ego**. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standart Brasileira, vol. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1976 [1921],

Gibbs, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: ArtMed.

GREYSEN S.R., Kind T., Chretien K.C. Online Professionalism And The Mirror Of Social Media. Gen Intern Med. 2010 Nov; 25(11):1227-9. Epub, 2010 Jul 15. [Pubmed - Indexed For Medline].

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 4ª ed. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

KAPLAN, A. M. and Haenlein, M. **Users of the world, unite! The challenges and opportunities of Social Media**. Business Horizons, 53 (1), 2010. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0007681309001232>. Acesso em 12 jul 2012.

KATRI L., ESA S. **Social media: introduction to the tools and processes of participatory economy**. Disponível em: <http://tampub.uta.fi/english/tulos.php?tiedot=231>. Acesso em: 3 de dez. 2011.

KIETZMANN, J. H. et. al. **Social media? Get serious! Understanding the functional building blocks of social media**. Business Horizons (2011) 54, 2011. Kelley School of Business, Indiana University.

KOTLER, Philip. **Marketing 3.0: As Forças que Estão Definindo o Novo Marketing Centrado no Ser Humano**. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2010.

LEÃO, L. (Org). **O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre novas mídias**. São Paulo, Editora SENAC, 2005.

LEMOS, André. **Cibercultura: Alguns pontos para compreender a nossa época**. In: Olhares sobre a Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.

Lozares, C. (2010). **La teoría de redes sociales**. Papers. n. 48. 1996. Disponível em: <http://seneca.uab.es/antropologia/jlm/ars/paperscarlos.rtf>. Acesso em: 19 maio.

LURIA, A. R. **Pensamento e Linguagem**. Porto Alegre: ArtMed, 1987.

MACHADO, J. R. E TIJIBOY, A. V. **Redes Sociais Virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa**. CINTED-UFRGS. Novas Tecnologias na Educação. V. 3



Nº 1, Maio, 2005. Disponível em:

http://www.inf.ufes.br/~cvnascimento/artigos/a37_redessociaisvirtuais.pdf. Acesso em: 3 de dez. 2011.

MALARD, R. **Interoperabilidade de conteúdos didáticos digitais: Uma contribuição a questão dos padrões**. Curitiba, 145 p., 2004. Dissertação Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

MARTELETO, R. M. **Redes Sociais, Mediação e Apropriação de Informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação**. Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, Brasília, v.3, n.1,p.27-46, jan./dez, 2010.

Martín-Barbero, J., Rey, G.(2001). **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: SENAC.

MELLO, Elza D. de; LUFT, Vivian C. and MEYER, Flavia. **Obesidade infantil: como podemos ser eficazes?**. J. Pediatr. (Rio J.) [online]. 2004, vol.80, n.3, pp. 173-182. ISSN 0021-7557. <http://dx.doi.org/10.2223/JPED.1180>.

MESSINA, G. (1998). **Estúdio sobre el estado Del arte de la investigación acerca de la formación docente en los noventa**. México. Mimeo.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Carta de Ottawa**, 1986, Declaração de Adelaide, 1988, Declaração de Alma-Ata, 1978, Jacarta, 1997, Sundsvall, 1991, México, 2000, Rede de Megapaíses. 1998, Santafé de Bogotá, 1992.

PIMENTEL, Carmen. **Blog, da Internet à Sala de Aula**. Tese, UERJ, Letras. Rio de Janeiro: s.n, 2010.

PRETTO, Nelson de Luca, SILVEIRA, Sérgio Amadeu (org). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder Salvador**: EDUFBA, 2008.

Primo, A. **Conflito e cooperação em interações mediadas por Computador**. Compós. Niterói, RJ, 2005.

PRIMO, P. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – UnB – Setembro de 2006.

RAHME, Mônica M.F. **Laço social e educação: um estudo sobre os efeitos do encontro com o outro no contexto escolar**. Tese, USP, Educação. São Paulo : s.n., 2010.



Recuero, R. (2009). **Redes Sociais na Internet**. Porto Editora: Sulina Alegre.

ROCHA, E. C. (1999). **A pesquisa em educação infantil no Brasil: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma pedagogia**. Florianópolis: UFSC, Centro de Ciências da Educação, Núcleo de Publicações.

SANTAELLA, Lúcia. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano**. Revista FAMECOS. nº 22. Dez 2003. PUC-RS: Porto Alegre.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTANA, V. F. de. et. al. **Redes Sociais Online: Desafios e Possibilidades para o Contexto Brasileiro**. Instituto de Computação – Universidade Estadual de Campinas. Disponível em > http://metropoa.inf.ufrgs.br/anais/pdf/semish/st04_04.pdf. Acesso em: 21.07.2012.

SCHROCK, A. **Examining social media usage: technology clusters and social network site membership**. First Monday - Reviewed journals on the Internet. Volume 14, Number 1 - 5 January 2009. Disponível em <http://frodo.lib.uic.edu/ojsjournals/index.php/fm/index>. Acesso em: 3 de dez. 2011.

SODRÉ, M. **Reinventando a Cultura: a comunicação e seus produtos**. São Paulo: Editora Vozes, 2005.

THEVENO, G. **Blogging as a social media**. Tourism and Hospitality Research . Vol. 7, 3/4, 282–289, 2007.

VERMELHO, S. C., Areu, G. (2005). **Estado da arte da área de Educação & Comunicação em periódicos brasileiros**. *Educação e Sociedade*. , v.26, p.1413 – 1434.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Wiener, N. (2000). 7ª. Ed. **Cibernética e Sociedade: O uso humano de seres humanos**. São Paulo: Cultrix.

Zago, M. A. (2011). **Perfil da Produção Científica Brasileira. Mesa de Discussão tecnológica: inovações tecnológicas no Brasil**. Evento da FAPESP, 29.06.2011, São Paulo. Apresentação.